



Heartbreak high: micropolíticas de resistências e (re)invenções em práticas educativas

Heartbreak high: micropolíticas de resistencias y (re)inversiones en prácticas educativas
Heartbreak High: Micropolitics of Resistance and (Re)Inventions in Educational Practices

DA SILVA, Renildo Franco¹ y GURGEL, Evanilson²

Da Silva, R. F. y Gurgel, E. (2026). Heartbreak high: micropolíticas de resistências e (re)invenções em práticas educativas. *RELAPAE*, (24), pp. 107-119.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar as micropolíticas do desejo no contexto escolar a partir da narrativa midiática seriada Heartbreak High, tomando como referência teórica autores como Guattari e Rolnik (1996), Butler (2008), Louro (2001) e Foucault (2006). O estudo analítico propõe uma análise das trajetórias de personagens que atravessam o espaço escolar, evidenciando como os processos de subjetivação se constituem em disputas entre disciplinamento e resistência. Para tanto, adotou-se uma metodologia cartográfica que privilegia narrativas e performatividades juvenis dissidentes, considerando o artefato cultural em questão como um texto pedagógico. A análise evidencia que personagens como Amerie, Darren, Malakai, Quinni e Dusty apresentam instabilidade da heterossexualidade hegemônica e a pluralidade das masculinidades e sexualidades. Além disso, evidenciamos como a docência, na figura de personagens como Voss, Jojo Obah e Woodsy, tensionam práticas autoritárias que buscam disciplinar os corpos e mentes dos/as discente a partir de pedagogias do afeto e do acolhimento que possibilitam linhas de fuga e invenções subjetivas. Este estudo analítico reforça a necessidade de compreender o currículo para além de sua dimensão normativa, reconhecendo-o como campo atravessado por narrativas, desejos e diferenças que abrem caminhos para experiências mais plurais.

Palavras-chave: micropolítica, educação, subjetivação, performatividade, artefatos culturais

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo analizar las micropolíticas del deseo en el contexto escolar a partir de la narrativa mediática seriada Heartbreak High, tomando como referencia teórica a autores como Félix Guattari y Suely Rolnik (1996), Judith Butler (2008), Guacira Lopes Louro (2001) y Michel Foucault (2006). El estudio analítico propone un análisis de las trayectorias de personajes que atraviesan el espacio escolar, evidenciando cómo los procesos de subjetivación se constituyen en disputas entre disciplinamiento y resistencia. Para ello, se adoptó una metodología cartográfica que privilegia narrativas y performatividades juveniles disidentes, considerando el artefacto cultural en cuestión como un texto pedagógico. El análisis evidencia que personajes como Amerie, Darren, Malakai, Quinni y Dusty presentan la inestabilidad de la heterossexualidad hegemónica y la pluralidad de las masculinidades y sexualidades. Además, evidenciamos cómo la docencia, en la figura de personajes como Voss, Jojo Obah y Woodsy, tensiona prácticas autoritarias que buscan disciplinar los cuerpos y las mentes de los/as estudiantes a partir de pedagogías del afecto y de la acogida que posibilitan líneas de fuga e invenciones subjetivas. Este estudio analítico refuerza la necesidad de comprender el currículo más allá de su dimensión normativa, reconociéndolo como un campo atravesado por narrativas, deseos y diferencias que abren caminos para experiencias más plurales.

Palabras clave: micropolítica, educación, subjetivación, performatividad, narrativas culturales

Abstract

¹ Universidade Federal Rural do Semi-Árido - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Brasil / renildo.franco@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-5657-4850>

² Universidade Federal Rural do Semi-Árido - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Brasil / evanilson.gurgel@ufersa.edu.br / <https://orcid.org/0000-0003-2018-767X>

This article aims to analyze the micropolitics of desire in the school context through the serialized media narrative *Heartbreak High*, drawing on the theoretical contributions of authors such as Félix Guattari and Suely Rolnik (1996), Judith Butler (2008), Guacira Lopes Louro (2001), and Michel Foucault (2006). The analytical study proposes an examination of the trajectories of characters who move through the school space, highlighting how processes of subjectivation are constituted through disputes between discipline and resistance. To this end, a cartographic methodology was adopted, privileging dissident youth narratives and performativities, considering the cultural artifact in question as a pedagogical text. The analysis shows that characters such as Amerie, Darren, Malakai, Quinni, and Dusty reveal the instability of hegemonic heterosexuality and the plurality of masculinities and sexualities. Furthermore, we demonstrate how teaching practices, embodied by characters such as Voss, Jojo Obah, and Woodsy, challenge authoritarian practices that seek to discipline students' bodies and minds through pedagogies of affection and care that enable lines of flight and subjective inventions. This analytical study reinforces the need to understand the curriculum beyond its normative dimension, recognizing it as a field crossed by narratives, desires, and differences that open pathways for more plural experiences.

Keywords: micropolitics, education, subjectivation, performativity, cultural narratives

Um mapa que se abre ao desejo

Um mapa. Tudo começa com o mapeamento de desejos e subversões em um espaço escondido dentro da escola. No momento, não estamos falando de um mapa como uma cartografia “a la Deleuze e Guattari” (1995) que trata de linhas diversas, que é aberto e desmontável, que pode ser ampliado, modificado, refeito, conectável em todas as suas dimensões sem hierarquia fixas, que não tem começo nem fim e que age como um rizoma. Falamos, de uma tentativa de transgressão da normatividade, que parte de um drama ficcional. Um mapa transgressor, desenhado por alunas, que se empenha em não “permitir uma legitimação ulterior das normas de gênero sintonizadas com a dominação masculina, a heterossexualização compulsória e a configuração de hierarquias sociais [...]” (Junqueira, 2018, p. 456).

Amerie e Harper são duas adolescentes que estudam na escola *Hartley High*, situada na trama da narrativa seriada *Heartbreak High*. Cansadas de seguir as lições de moral e virtude empregadas pela escola, elas constroem um “mapa da sexualidade” que detalha “micropolíticas” que, nesse contexto, se referem às forças do desejo que atravessam o cotidiano, moldando subjetividades em gestos, afetos e relações, diferentemente das “Macropolíticas”, que atuam nas grandes estruturas, operando de forma a enquadrar os sujeitos aos ditames do pensamento hegemônico (Guattari y Rolnik, 1996). Esse mapa da sexualidade representa diferentes formas de dizer e viver experiências que, ao mesmo tempo, denunciam como a escola, por vezes, é capaz de mobilizar suas normas e punições visando o enquadramento de suas sexualidades, negando a pluralidade do outro.

Consideramos, corroborando com Guilherme (2018, p. 15), que essas ações reforçam um totalitarismo caracterizado pela “tentativa de anular a pluralidade, essencial para a existência da vida política, no sentido de criar um mundo de iguais”. E o que compreende essa pretensa ideia de igualdade, que por vezes insiste em ser decalcada a nos mapas existenciais? Cremos que esse mapa transgressor é precisamente contrário a isso: à ideia de que a sociedade toda seria como um único indivíduo.

Assim começa a narrativa midiática seriada australiana *Heartbreak High*, lançada em 2022 pelo *streaming* Netflix. Um *reboot*³ da versão original dos anos noventa. Propomos, no presente artigo, um estudo analítico em que esse artefato cultural é problematizado a partir de discussões acerca das micropolíticas que permeiam as relações entre os/as discentes e práticas educativas nas relações de poder que se configuram no espaço escolar envolvendo corpos - professores/as, gestores/as e alunos/as - que transitam e se interseccionam com suas culturas, modos de vida, gêneros e sexualidades. Essas relações estão para além da pluralidade, e consideram fundamental reconhecer que diferentes práticas de performatização das sexualidades “estabelecem relações hierárquicas entre si, em recorrentes disputas pela hegemonia nas relações de gênero, estabelecendo-se constantes relações de poder” (Silva, 2019, p. 30). Tomaz Tadeu da Silva (2024, p. 134) nos diz que o artefato cultural é “como o resultado de um processo de construção social”. Ou seja, “como qualquer produto cultural passível de pedagogização”, que exerce “pedagogia quando se dá a ver conduzindo: ensinando formas de sentir, perceber, significar e compor com as coisas de seu tempo” (Maknamara, 2025, p. 15).

Ao refletirmos a escola e as micropolíticas que se materializam nesse território, através de uma narrativa midiática seriada, o fazemos não em uma dimensão do lazer ou da fruição descompromissada, mas sim com intuito pedagógico, como reforçam os autores. Nesse sentido, assumimos a perspectiva, a partir do campo dos Estudos Culturais em Educação, que todo artefato cultural possui um currículo para além daquele dito oficial, implementado pela escola. Silva (2024, p. 134) afirma que “a partir dos Estudos Culturais, podemos ver o conhecimento e o currículo como campos culturais, como campos sujeitos à disputa e à interpretação, nos quais os diferentes grupos tentam estabelecer sua hegemonia”. Desse modo, há uma pedagogia cultural que se apresenta e que diz respeito

à capacidade de ensinar e vontade de fazer aprender de um artefato cultural, não pelo suposto aditivo instrucional e didático dele, mas por suas formas de influenciar a cultura e, assim, nossas vidas. Pedagogia cultural diz respeito à pedagogia praticada por qualquer artefato cultural que não a escola, ainda que possa ou não utilizar-se de elementos da forma escolar de socialização. Pedagogias culturais procuram estimular sensações, favorecer percepções e proporcionar aprendizagens nos moldes de uma cultura, concorrendo para processos de subjetivação (Maknamara, 2025, p. 183).

³ Termo usado para uma nova versão de uma obra de ficção (filme, série, jogo) que recomeça a história de um universo já existente, desconsiderando a cronologia anterior, mudando o enredo, personagens ou regras, e estabelecendo um novo cânone.

Sendo assim, acreditamos que a discussão que aqui flui a partir de uma narrativa seriada midiática, procura intensificar tais sensações em sua audiência, tendo a cultura como facilitadora de aprendizagens. O mapa que introduz as tensões que permeiam a série nos inspirou a cartografar algumas narrativas de forma a questionar a educação para além das políticas oficiais impostas nas escolas. Desse modo, objetivamos analisar, a partir da narrativa midiática *Heartbreak High*, as micropolíticas do desejo que atravessam as práticas educativas escolares, com vistas a responder: em que medida essas micropolíticas contribuem para problematizar processos de subjetivação, resistência e (re)invenção no espaço escolar?

Para isso, elencamos alguns objetivos específicos, a saber: cartografar as linhas constitutivas das narrativas e performatividades dos personagens como expressões de micropolíticas que tensionam normas e macropolíticas escolares; investigar como práticas de performatividade de gênero e sexualidade desestabilizam representações hegemônicas e produzem linhas de fuga no contexto da escola; compreender as contribuições da docência e das práticas educativas nesse artefato, evidenciando disputas entre disciplinamento, resistência e acolhimento como representação do campo educacional contemporâneo. Partimos de uma metodologia ancorada nos Estudos Culturais e nas teorias pós-críticas. Marlucy Paraíso (2025) apresenta que as teorias pós-críticas constituem um campo plural e heterogêneo de pensamento, sustentado por diferentes matrizes teóricas, especialmente vinculadas ao pós-estruturalismo, às filosofias da diferença e a perspectivas culturais, sociais, políticas, históricas e linguísticas. Nesse conjunto, inserem-se abordagens como o multiculturalismo, os estudos culturais, os estudos pós-coloniais, os estudos étnico-raciais, os estudos feministas e de gênero, a teoria *queer* e o pensamento da diferença. Denominadas pós-críticas, essas teorizações ampliam os modos de compreender o currículo ao introduzirem novos conceitos, categorias e problematizações, deslocando-se, em muitos casos, das bases explicativas que marcaram as teorias críticas tradicionais.

Esse mapa da sexualidade apresenta marcas significativas da vivência sexual de estudantes, destacando notas sobre as experiências sexuais por eles/as vividas. Ele não nasce como política oficial da escola, ele se proclama como uma cartografia das micropolíticas do desejo da adolescência, buscando dar visibilidade às práticas e aos segredos que não são reconhecidos pela escola, mas que tensionam atravessamentos em um cotidiano marcado por embates constantes das relações de poder.

Quando falamos em micropolítica do desejo, nos pautamos em Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), apontando-a como a capacidade de inventar modos de vida singulares que escapam da produção em série do poder hegemônico normativo. Destacamos que esse processo de singularização opera como devir, sujeitos que se apresentam por meio de transformações inacabadas. Falamos de uma singularização que “coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são nossos” (Guattari y Rolnik, 1996, p. 17).

Ao desenhar esse mapa, as alunas acabam projetando a imagem de um currículo que se produz paralelamente ao currículo normativo da escola, isto é, um currículo que recusa narrativas hegemônicas e fraudulentas de totalidade e fim (Paraíso, 2010), evidenciando que esse território educacional não se configura apenas como ambiente transmissor de conteúdos, mas como espaço de afetividade, de subjetividades, de singularidades e de performatividades das sexualidades. Um currículo que “abre espaço para compreendermos a vida e, por extensão dela, a experiência curricular como um percurso (trans)formativo, descontínuo e inacabado, em que o sujeito se refaz em constância a partir de seus des(encontros) e atravessamentos” (Paraíso, 2010, p. 588). Nesse contexto, o currículo escolar passa a ser significado como “um território de multiplicidades de todos os tipos, de disseminação de saberes diversos, de encontros ‘variados’, de composições ‘caóticas’, de disseminações ‘perigosas’, de contágios ‘incontroláveis’, de acontecimentos ‘insuspeitados’” (Paraíso, 2010, p. 588), de mapas sexuais estampados, às escondidas, nas paredes.

De início apresentamos uma introdução intitulada *Um mapa que se abre ao desejo* seguida da metodologia, a qual chamamos de *Uma cartografia de mapas (in)desejados*, fundamentada na cartografia de micropolíticas, articulando conceitos de autores/as pós-críticos/as. Por conseguinte, na seção intitulada *Do molar ao molecular: linhas de fuga e a estética do existir*, discutimos os conceitos de micropolítica e macropolítica, evidenciando como fluxos de desejo atravessam práticas escolares.

Ulterior a isso, na seção *Performatividades em cena: gênero, sexualidade e identidades em disputa*, analisamos a narrativa midiática seriada *Heartbreak High* como texto pedagógico que expõe performatividades dissidentes. Logo depois, na seção *Docências em confronto: entre disciplinamentos e pedagogias do afeto*, contrastamos práticas

docentes normativas e autoritárias com pedagogias de acolhimento e afeto. E, por fim, nas considerações em aberto intituladas *A escola como campo de (re)invenção e pluralidade*, apresentamos os achados deste estudo analítico com ramificações para outras possibilidades de análise.

Uma cartografia de mapas (in)desejados

Heartbreak High é uma narrativa midiática seriada que apresenta trajetórias de personagens, em um mundo fictício, na escola *Hartley High*, localizada em Sydney, Austrália. As linhas que delineiam essa narrativa se ramificam a partir do escândalo do mapa do sexo, um mural construído às escondidas e que expõe relacionamentos íntimos dos estudantes. A ideia surge como uma brincadeira entre amigas - Amerie e Harper - motivada pela curiosidade juvenil em explorar e compartilhar informações sobre as experiências afetivas e sexuais dos/as colegas da escola. Esse mapa nasce como estratégia de autoafirmação e pertencimento naquele universo adolescente. Entretanto, quando o documento se torna público, transforma-se em instrumento de exposição, vigilância e julgamento, desencadeando conflitos que atravessam o espaço escolar.

Tensões eclodem e isso causa embates territoriais que envolvem a produção de micropolíticas que determinam o afloramento de temas como sexualidade, gênero, raça, classe, neurodivergência e pertencimento, posicionando a escola como espaço de conflitos, exclusões e (re)invenções. Nesse sentido, não estamos falando apenas de um drama ficcional, mas de um artefato cujo texto cultural “exerce pedagogia quando se dá a ver conduzindo: ensinando formas de sentir, perceber, significar e compor com as coisas de seu tempo” (Maknamara, 2025, p. 15), em cenário de disputas identitárias, performatividades e partilha de afetos.

Assumimos que o mapa do sexo se comporta como linha de fuga, partindo de uma cartografia de intensidades que vaza, que escorre e escapa ao controle do currículo hegemônico. O que antes era um desenho da expressão adolescente, agora passa a representar o caos escandaloso da moral e da virtude. Amerie, após a descoberta do mapa pela gestão da escola, é abandonada por Harper e passa a ser o único alvo das punições, apresentada como única responsável, rotulada, marginalizada pelos próprios colegas. Nesse contexto, a micropolítica pode corresponder à forma como “reproduzimos (ou não) os modos de subjetividade dominante” (Guattari y Rolnik, 1996, p. 133). Nesse caso, alimenta-se a produção de um microfascismo que faz do desejo algo que não é bom, que tende a reproduzir e reforçar microformas de opressão ao invés de resistências criativas. Os/as colegas de Amerie, ao descobrirem suas atividades sexuais estampadas na parede aos olhos de todos/as, empreendem algo semelhante àquele movimento descrito por Guattari e Rolnik (1996, p. 54): “[...] um movimento completamente recuperado, que se encontra em implosão, correndo o risco de cair em microfascismos”, que se vale do desejo em uma lógica autoritária, reproduzindo poderes hierárquicos e reacionários.

Observamos que, nesse momento, a escola *Hartley High* - cenário onde se desenrolam os conflitos, amizades, disputas, bem como as micropolíticas relacionadas ao mundo juvenil - é representada na narrativa seriada como uma instituição normativa, a partir de relações de poder que se materializam com práticas de suspensões daqueles que fogem às regras. No entanto, aprendemos com Foucault (2025, p. 104) que “onde há poder, há resistência”, como evidenciado nas micropolíticas estudantis tensionando as macropolíticas escolares no artefato analisado. Um embate que parte de linhas constitutivas de um outro mapa, que abre espaço para narrativas e discursos que permitam que sujeitos em dissidências saiam de suas gaiolas rumo a outros modos mais abertos de existência.

Este estudo analítico se inscreve em uma perspectiva pós-crítica e cartográfica, pois compreende a pesquisa como processo de tradução, deslocamento e (re)invenção de sentidos e não como uma procura por verdades fixas. Optamos pela cartografia a partir da perspectiva de Deleuze e Guattari (1995), por nos permitir delinear movimentos micropolíticos do desejo a partir do conceito de Guattari e Rolnik (1996), com ênfase em narrativas marginais, dissidentes, obscurecidas pela normatividade hegemônica do espaço escolar.

Nesse sentido, partimos de um exercício cartográfico que não se limita à descrição de fatos, mas se lança a mapear fluxos, linhas duras, linhas de fuga e a infinidade de devires que atravessam o cotidiano da escola. Ele acontece através de “um processo movediço, instável, que demanda um procedimento de criação ininterrupta, um ‘estar’ no processo: tornar-se um/a pesquisador/a implicado/a, compor junto ao cenário que investiga, juntando os pedaços para dar sentido ao turbilhão de acontecimentos” (Gurgel y Maknamara, 2022, p. 9). Nesse contexto, cartografar é “uma figura sinuosa, que se adapta aos acidentes do terreno, uma figura do desvio, do rodeio, da divagação, da extravagância, da exploração” (Oliveira y Paraíso, 2012, p. 163), que “lida com matérias relativas à vida, à subjetividade, algo que é simultaneamente singular e coletivo” (Scherer y Grisci, 2022, p. 2).

Desse modo, apresentamos o desejo como produção de singularidades e subjetivação, a micropolítica como campo de análise onde os desejos transgridem leis e normas e a cartografia como método de investigação. Analisamos as micropolíticas do desejo a partir de um artefato cultural que apresenta a escola como espaço de produção e regulação de gênero e sexualidade, com o intuito de compreender a transgressão como gesto não só político, mas também pedagógico. Nesse sentido, partimos das lentes que os Estudos Culturais nos proporcionam, procurando articular três movimentos analíticos, a saber: cartografar a narrativa midiática *Heartbreak High*, que encena micropolíticas do desejo; acompanhar processos de performatividade de alguns personagens observando como - estudantes e professores/as - repetem, deslocam ou transgridem normas de gênero e sexualidade e, por fim, identificar as linhas de fuga que representam momentos em que práticas dissidentes desestabilizam discursos normativos e abrem espaços para novos modos de existir e de ensinar na escola.

Do molar ao molecular: linhas de fuga e a estética do existir

Deleuze e Guattari (1996) nos dizem que as linhas de fuga não significam escapar do mundo, mas produzir fissuras nos sistemas que buscam organizar e controlar a vida, fazendo emergir brechas mesmo em estruturas rígidas e normativas. São movimentos imanentes ao próprio campo social, pelos quais se inventam outras possibilidades de existência, pensamento e ação frente às formas de poder que tentam capturar os corpos e os modos de vida. Nesse sentido, fugir não corresponde a abandonar a luta, mas criar forças, estratégias e modos de resistência capazes de deslocar aquilo que está instituído. Embora representem perigo para as organizações sociais estabilizadas, as linhas de fuga são inseparáveis da própria dinâmica da vida social, pois é nelas que se tornam possíveis os deslocamentos, as transformações e a criação do novo.

Dito isto, na obra *Micropolítica: cartografias do desejo*, Guattari e Rolnik (1996) apresentam uma formulação dos conceitos de micropolítica e macropolítica, comparando esses dois termos aos vocábulos molecular e molar. Reforçamos que, segundo Guattari e Rolnik (1996), uma perspectiva “molar” corresponde ao plano das grandes estruturas sociais, que fixam identidades em categorias estáveis e normativas. Ela representa, portanto, o campo das Macropolíticas, enquanto a perspectiva “molecular” está ligada aos fluxos do desejo, aos afetos e devires que atravessam o cotidiano de forma instável e inventiva. Para ambos/as, a micropolítica é uma tentativa de agenciamento das coisas para que se evite a “reificação de um devir homossexual individual” (Guattari y Rolnik, 1996, p. 79). Essa micropolítica (molecular) “consiste em criar um agenciamento que permita, ao contrário, que esses processos se apoiem uns aos outros de modo a intensificar-se” (Guattari y Rolnik, 1996, p. 79). Nesse sentido, ela tensiona para a existência de devires que provocam processos de subjetivação e singularização dos sujeitos, atuando de forma intensa nas relações diárias.

Com isso, é possível tanto emergir potências de (re)invenção como riscos de microfascismos, que se configuram como pequenas formas de autoritarismo, conservadorismo e opressão reproduzidos nas relações familiares, escolares, cotidianas (Guattari y Rolnik, 1996). No plano da macropolítica, há uma relação com as estruturas visíveis de representação social que estão representadas pelas leis, discursos, política, religião, etc. É um plano que opera para normatizar sujeitos e territórios de forma rígida, “em que os equipamentos coletivos têm a função de teleguiar, de cifrar comportamentos, pensamentos e sistemas de valores para garantir a produção da subjetividade capitalística, que nos atravessa com a falácia da pseudopersonalização” (Faria, 2012, p. 119).

A micropolítica e a macropolítica são planos que não se opõem, mas coexistem e se implicam mutuamente. Podemos dizer que um mesmo grupo de sujeitos pode praticar relações de poder a nível molar e, ao mesmo tempo, ser reacionário e transgressor a nível molecular. O que faz a análise no âmbito das micropolíticas necessária é a percepção de como os modos de subjetivação são produzidos e engendrados nas tramas do desejo, sugerindo movimentos de escape e intensificando os dispositivos de poder. O molar (macropolítico) captura e organiza, enquanto o molecular (micropolítico) pode produzir linhas de fuga e singularizações. No entanto, é também no nível molecular (micropolítico) que surgem os “microfascismos cotidianos” (Gurgel, 2025), ou seja, pequenas práticas de opressão e exclusão como olhares, fofocas e pequenas violências simbólicas que atuam como uma “espécie de pílulas de horror que sorvemos, a cada dia, para curar em nós aquilo que nos enoja no Outro” (Gurgel, 2025, p. 51). Ou, como disse Foucault no prefácio da obra *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia* de Deleuze e Guattari (1997, p. 2), intitulado *Introdução a uma vida não-fascista*, esses microfascismos representam o fascismo que “está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora”.

Performatividades em cena: gênero, sexualidade e identidades em disputa

Para Judith Butler (2019) a performatividade de gênero não deve ser compreendida como uma ação isolada ou resultado de uma escolha puramente individual, mas como um processo contínuo de repetição de normas e discursos sociais. É por meio dessa repetição reiterada que os discursos produzem efeitos de verdade sobre os corpos, constituindo aquilo que passam a nomear como natural. Nessa perspectiva, as normas regulatórias relacionadas ao sexo e ao gênero atuam performativamente na materialização dos corpos e das diferenças sexuais, consolidando padrões que sustentam a lógica heterossexual como norma social.

Iniciamos essa discussão a partir de um mapa, mais especificamente de um mapa do sexo, que apresenta relações íntimas de estudantes dentro dos muros da escola. O mapa não representa apenas narrativas de histórias marginalizadas pela normatividade, mas cria e agencia formas de transgressão como meio de resistência ao enquadramento de certas formas de existir. Mas, como performatizam os corpos que compõem a dramaturgia de *Heartbreak High*? De que forma eles se apresentam?

Para nós, essa apresentação vem não somente em gestos, mas também e, sobretudo, nas vivências do cotidiano escolar dos/as estudantes. É nesse espaço-tempo que questões de sexualidade e gênero atravessam as vidas que ali povoam. O artefato em questão põe como evidência a circulação do desejo, e faz isso de forma tensa entre as normas impostas pela escola e as linhas de fuga que atuam para dar espaço às sexualidades reprimidas, abjetas e que se configuram como uma cartografia do desejo.

No quadro abaixo, apresentamos uma análise abordando alguns/algumas personagens que conduzem a questões micropolíticas que transitam na trama.

Tabela 1. Análise das micropolíticas na narrativa seriada midiática *Heartbreak High*

Personagem / Elemento	Narrativa	Questões micropolíticas	Chaves de leitura
Amerie (protagonista, atravessa questões de amizade, sexualidade e pertencimento)	Após o mapa sexual exposto, enfrenta punições institucionais	Mostra como a escola negocia moralidade, punição e desejo no cotidiano	Táticas de sobrevivência e resistência
Darren (estudante <i>queer</i>)	Sofre bullying, mas também afirma sua identidade com humor e irreverência	Micropolítica da existência <i>queer</i> no espaço escolar	Performatividade de gênero; identidade como processo narrativo
Malakai (Jovem atleta, inserido na lógica da masculinidade hegemônica)	Heterossexualidade presumida, mas vivida de forma menos rígida	Tensiona o modelo do “macho atleta”; mostra afetividade e vulnerabilidade	Reinventa a masculinidade para além da virilidade esportiva; recusa certos estereótipos
Quinni (estudante autista <i>queer</i>)	Negocia amizade, romance e neurodivergência	Micropolítica da inclusão/exclusão	interseccionalidade
Dusty - símbolo de masculinidade e heterossexualidade hegemônica	Aparente heterossexualidade	Encena a instabilidade da norma heterossexual	Apresenta fissuras na heterossexualidade compulsória

Fonte: *Elaboração dos autores (2026)*

As narrativas exploradas no quadro representam micropolíticas que mostram como a escola, por vezes, é capaz de negociar a moralidade, a punição e o desejo em seu cotidiano. Percebemos em Amerie o atravessamento de questões que incorporam a amizade, a sexualidade e o pertencimento. Ela representa a transgressão como ato político e passa a enfrentar, a partir disso, punições que partem da escola e de amigos. Nesse contexto, busca reinventar sua presença na *Hartley High*. Desse modo, começa a aproximar-se de personagens marginalizados - como Darren e Quinni - formando uma nova rede de afetos. Essa escolha não é apenas um gesto de amizade, mas uma tática de sobrevivência, passando a construir outras formas de pertencimento. No contexto micropolítico, Amerie, enquanto aluna, se vê incapaz de alterar as regras molares da instituição - representada, por exemplo, nos atos punitivos da gestão e passa a recorrer

a práticas inventivas que garantam sua permanência e minimizem sua exclusão. No âmbito da micropolítica do desejo, em vez de sucumbir à normatividade, cria linhas de fuga ao buscar novas alianças e narrativas de si.

Darren é um estudante não-binário. É expansivo, expressivo e confiante. Costuma vestir roupas chamativas, coloridas, que mesclam elementos considerados masculinos e femininos, além de maquiagem, acessórios e penteados ousados. Tem um humor afiado e um jeito irreverente de lidar com colegas e professores. Por ser homossexual sofre bullying, mas não teme performatizar sua identidade com humor e irreverência (Butler, 2008). O vemos como o maior símbolo de micropolítica de resistência no artefato em análise. Ele representa a existência *queer* que impõe presença e performatividade, pois “conhece a si” e entende sua existência (Foucault, 2006). Por esse motivo, consegue perceber na amizade uma forma de ajudar outros sujeitos a seguir em suas lutas.

Seu corpo, seu humor e a sua postura política atuam como prática performativa (Butler, 2008), desestabilizando as regras de gênero e sexualidade. Nesse contexto, o personagem tem na diferença uma forma de existir que produz modos de vida transgredindo normas e criando linhas de fuga, tornando visível o que está silenciado. Esse gesto performativo não é apenas estético, mas uma forma de afirmar sua singularidade diante de colegas que constantemente o questionam ou hostilizam. No contexto das micropolíticas, ao se apresentar de forma dissidente, Darren reforça sua singularização, recusando a normatividade homogênea imposta pela escola. Seu gesto abre caminhos para novas formas de vida que desestabilizam a ordem molar da instituição que parte sempre de concepções binárias, disciplinares e normalizadoras. Sua estética subversiva expõe a artificialidade da norma como ato pedagógico e político, pois ao transgredir, ele ensina, desloca e produz aprendizagens não previstas pelo currículo oficial da escola (Louro, 2001).

Malakai é um adolescente que faz parte do time de basquete da escola, é carismático, atlético e popular. Geralmente aparece com roupas esportivas, uniformes do time ou camisetas casuais, transmitindo a imagem do atleta típico escolar. Ele representa a juventude que lida com as expectativas e ditames da masculinidade hegemônica, “entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 245). Inserido em territórios de masculinidade e virilidade heteronormativa, precisa silenciar sua sexualidade dissidente, mesmo que suas escolhas afetivas e seu modo de se relacionar com os outros evidenciem certos deslocamentos. Ele se sente obrigado a incorporar aquela “forma mais honrada de ser um homem” descrita certa vez por Connell e Messerschmidt (2013, p. 245) como um modo que “exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”.

Há vários momentos em que a narrativa reforça o contraste das ações de Malakai com a imagem de masculinidade hegemônica, pautada sobretudo no culto ao corpo e ao comportamento atlético. Ao se abrir emocionalmente com Amerie, compartilhando suas dores, dúvidas e fragilidades, vemos a dureza associada ao atleta, ao corpo forte e competitivo, dar lugar a uma masculinidade vulnerável e que se permite afetiva. Ele não performatiza a virilidade comumente esperada de um líder esportivo, mas apresenta a complexidade de sua subjetividade, recusando o silêncio e a rigidez impostos pelo estereótipo. No contexto micropolítico, Malakai performatiza uma masculinidade que se desloca do *script* tradicional, mostrando cuidado e afeto, uma masculinidade pode ser reconfigurada. Esse gesto, no contexto do desejo, abre brechas no imaginário esportivo e escolar, instaurando linhas de fuga frente ao modelo normativo da masculinidade hegemônica. Ao demonstrar a sua vulnerabilidade, o personagem transgride o currículo que reitera, naturaliza e demanda um homem forte, disciplinado e presumidamente heterossexual, ensinando a audiência deste artefato que masculinidades podem ser plurais.

Quinni é uma estudante autista, detalhista, sensível e com forte senso de autenticidade. Sua forma de vestir reflete criatividade e conforto, com peças coloridas, estampas excêntricas e acessórios que marcam sua singularidade. Nesse contexto, percebemos que há negociação nas relações de amizade construída entre a personagem e seus colegas. Trata-se de amizades semelhantes ao que enuncia Pellizzaro (2015, p. 121-122) que lançam “o desafio para que novas formas de sociabilidade sejam possíveis, novos modos de relacionamentos possam surgir para além do modelo familiar nuclear”. Destacamos que o romance homoafetivo vivido pela personagem não aborda apenas a diversidade, pois há, para além deste recorte, um mergulho provocador no âmbito da neurodivergência que corresponde ao espectro do autismo.

Se partirmos da perspectiva da subjetivação e da singularização como momentos de criação de modos próprios de existir, favorecendo o escape de modelos humanos pré-fabricados pela normatividade, essa personagem nos permite

⁴ Um texto que detalha diálogos e ações em filmes, peças de teatro, rádio, etc., quanto a um conjunto de instruções escritas.

contemplar uma subjetividade minoritária, dissidente, nômade. Nesse sentido, compreendemos que o incoerente e o corpo anômalo, seguindo a perspectiva foucaultiana (2001), entrecruza os espaços com narrativas em choque que evidenciam a impossibilidade de um currículo totalizante, com formas “capazes de produzir rotinas, aprisionar as forças, dividir e desanimar” (Paraíso, 2015, p. 50). Ao afirmar sua condição autista e *queer*, cria um processo de singularização, inventando modos próprios de existir, que encarnam uma subjetividade nômade, que “tem a ver com a simultaneidade de identidades complexas e multidimensionais” (Braidotti, 2002, p. 10), não fixada em categorias identitárias rígidas, mas em movimento, experimentando outras formas de relação e de percepção.

Não podemos deixar de refletir o personagem Dusty, figura central no grupo dos/as estudantes populares. Costuma vestir roupas que realçam sua posição social: uniformes bem ajustados, camisetas de marca, jaquetas e *looks* que reforçam sua imagem de galã adolescente. Ele encarna a representação da heterossexualidade hegemônica, ou seja, constitui-se dentro da padronização exigida pelos ditames normativos sociais. Assim, apresenta-se como imagem popular, desejada, viril. O símbolo da sexualidade heteronormativa desejada. Um personagem que passa a ser tensionado pela exposição de suas práticas sexuais, que vão sendo problematizadas no decorrer deste artefato cultural. De certa forma, a narrativa de Dusty nos ensina que mesmo a heterossexualidade enquadrada na normatividade hegemônica pode ser instável e, portanto, atravessada por micropolíticas. Após o “mapa do sexo”, os colegas questionam seus relacionamentos, rumores sobre sua vida íntima circulam, e sua imagem de heterossexual estável se torna frágil. A figura do macho perfeito é, então, atravessada por dúvidas e olhares de desconfiança.

O artefato em análise nos ensina, com isso, que nenhuma identidade é totalmente estável, que mesmo a heterossexualidade hegemônica, vista como lugar de privilégio e segurança, precisa ser constantemente reiterada. Através da narrativa de Dusty, aprendemos que a heterossexualidade hegemônica está sujeita às micropolíticas do desejo. Nesse sentido, passamos a compreender que o desejo não é estável nem transparente, mas atravessado por fluxos e contradições, evidenciando como essas representações são frágeis e inacabadas. O artefato em questão também nos ensina que a descoberta da sexualidade nem sempre virá por meio de apresentações emblemáticas, mas por gestos, olhares e silêncios, como percebemos em Dusty e Malakai; que a fluidez da homoafetividade pode se prática de resistência e (re)invenção como nas narrativas de Darren, Quinni e Malakai; e que o entendimento de que a masculinidade não é fixa, mas se (re)inventa todos os dias.

Docências em confronto: entre disciplinamentos e pedagogias do afeto

A trama de *Heartbreak High* traz a representação de três personagens fundamentais para compreendermos os ruídos da micro e macropolítica no campo da docência. A escola, na narrativa midiática seriada em questão, se apresenta como um território repleto de significações que tensionam a docência e suas múltiplas facetas. Nesse tópico propomos uma análise das narrativas de Voss, profissional de educação física; Jojo Obah, professora encarregada de trabalhar educação sexual junto aos/as estudantes e Woodsy, diretora da escola. São corpos que performatizam distintamente na ação docente envolvendo normatividade, disciplina, resistência e (re)invenção nos âmbitos molares e moleculares.

Voss performatiza uma docência com base em uma pedagogia do controle e da norma. Ele busca obstruir qualquer tentativa de despadronização da masculinidade hegemônica que prega em sua forma de ensinar. Desse modo, enfatiza ideais de homem macho, viril, que compete e que ganha sem possibilidade de falha. Porque, com base nessa pedagogia, homem não deve errar, sentir, chorar. O que se vê em sua trajetória é uma macropolítica que busca disciplinar o corpo, levando os estudantes a uma exaustão física e mental para que se encaixem em sua perspectiva de mundo ideal. No exercício de uma prática docente reguladora, agencia linhas duras que enquadram os/as estudantes em modelos rígidos em que a performance é mais importante do que suas existências. Quando estabelece uma ação pedagógica a partir de regras que inviabilizam a subjetividade e singularização dos/as educandos/as, Voss atua sob um efeito que lança mão de mecanismos de exclusão e ridicularização repetidamente no cotidiano da escola.

Um exemplo dessas linhas duras está no episódio em que em uma das aulas de Educação Física, Voss conduz os estudantes em atividades extenuantes de condicionamento físico, envolvendo flexões, corridas, exercícios de resistência. Ele insiste em levar os corpos ao limite, ridicularizando os que não acompanham o ritmo e elogiando apenas aqueles que encarnam a força e a performance atlética. O professor se apoia em um discurso da masculinidade pautada na força física, atravessado por enunciados que reforçam o significado de que apenas os mais fortes, resistentes e obedientes merecem reconhecimento. Consideramos essa situação exemplar do poder disciplinar, em que o corpo é treinado e vigiado para se ajustar a padrões normativos (Foucault, 1987). Voss busca criar corpos moldados por um

ideal de virilidade. Nesse sentido, opera a nível molar uma imposição de modelo único de corpo e masculinidade, mas também a nível molecular, pois nas microrrelações de exaustão e ridicularização germinam microfascismos cotidianos.

A atuação de Voss como movimento pedagógico reforça a performatividade da masculinidade hegemônica, que só se sustenta pela repetição de gestos através da força, agressividade, resistência e pela exclusão dos que não se enquadram. Vemos em ação um currículo em que gênero e sexualidade são regulados pelo corpo, em que os meninos são empurrados ao desempenho, enquanto as diferenças são invisibilizadas ou ridicularizadas.

A diretora Woodsy não foge a esse modelo de educação autoritária, pois ao personificar a escola como território burocrático e instrucional, age para silenciar as diferenças, amparando-se na lei, maculando ideais hegemônicos por meio de sanções punitivas. Woodsy desempenha um papel muito importante em *Heartbreak High*, pois representa a ordem molar do espaço escolar, cuja função é garantir a contenção dos excessos, o que por outro lado serve de energia para transgressões como o mapa do sexo. Vez por outra, a personagem parece ceder a determinadas negociações, mas sempre termina mergulhada no limite de um fazer pedagógico que está encharcado em uma macropolítica dominante que reproduz um currículo que não opera por multiplicidade, com a diferença em si, com o devir (Paraíso, 2010).

A exemplo, após o escândalo do mapa do sexo, ela decide impor uma resposta exemplar. Reúne os/as alunos/as envolvidos/as e determina uma série de atividades punitivas e (re)educativas, apresentadas como necessárias para corrigir condutas. Podemos citar palestras moralizantes, tarefas desgastantes e ensaios de comportamento, reduzindo a educação sexual a um aspecto puramente biológico e fisiológico, deixando de fora toda a perspectiva afetiva. Os/as estudantes são obrigados/as a permanecer sob constante vigilância, em uma atmosfera de constrangimento e exaustão emocional e mental. Seu objetivo é transformar a diversidade de experiências juvenis em um corpo único e obediente, ajustado ao ideal de disciplina, “comum no currículo-disciplinar” que destrói “aquilo que ironiza, mortifica, apaga e aprisiona” (Paraíso, 2010, p. 598). Woodsy mobiliza a macropolítica disciplinar para alinhar os estudantes a um ideal de normalidade. Sua pedagogia é regulatória e punitiva, marcada pela tentativa de reduzir a pluralidade juvenil a um modelo único de aluno ideal. No entanto, a reação dos estudantes e suas resistências silenciosas mostram que, apesar das tentativas de enquadramento, a subjetividade é sempre escorregadia, produzindo linhas de fuga que escapam ao controle.

Entretanto, Jojo Obah, responsável por trabalhar com os/as alunos/as o encontro com a própria sexualidade, performatiza uma docência questionadora, que se abre à possibilidade do afeto e do acolhimento. Ela atua para criar ambientes em que o desejo seja a força-motriz de subjetivação e singularidade entre os/as educandos/as. Diferentemente de Voss e Woodsy, sua docência atua para legitimar existências abjetas, abrindo brechas para resistências e tensões frente ao pensamento normativo, acolhendo as diferenças e lançando mão de uma prática pedagógica que ensina a viver uma estética que se (re)inventa por meio de devires.

Em uma de suas aulas, após tensões envolvendo bullying e julgamentos sobre sexualidade entre os estudantes, Jojo Obah interrompe a dinâmica da turma e decide abrir espaço para uma conversa franca. Ela convida os/as alunos/as a falarem sobre suas experiências e sentimentos, reconhecendo que a escola não é apenas lugar de conteúdos, mas também de subjetividades em disputa. Em vez de recorrer ao discurso normativo ou à punição, adota uma postura afetuosa e acolhedora, validando as diferentes formas de existir e incentivando os/as estudantes a se apoiarem mutuamente. Nesse gesto, sua docência se torna não apenas transmissão de conhecimento, mas também prática de cuidado e resistência. Há em sua prática pedagógica uma ética pautada no cuidado de si, que trabalha no/a aluno/a a consciência de que ele/a é o/a “responsável por sua autoconstituição, sendo capaz de criar novas relações de poder e ampliar sua liberdade” (Pellizzaro, 2015, p. 118).

No contexto das micropolíticas, sua docência abre espaço para processos de singularização, recusando a produção em série de subjetividades normalizadas e legitimando diferenças como potências inventivas. Ao legitimar identidades *queer* e não-binárias, Jojo Obah reconhece que gênero e sexualidade são performativos e abertos à transformação, e que a escola pode - e deve! - ser lugar de (re)inscrição desses corpos.

Ao propormos um choque comparativo entre esses modelos de docência, percebemos que as práticas educativas se pautam em micropolíticas que não se circunscrevem como uma ação neutra, mas estão inseridas em um território de disputas que reproduz a norma ou (re)inventa novas possibilidades de existências. *Heartbreak High* parece nos dizer muitas coisas, pois ao analisar esse artefato no campo dos Estudos Culturais em Educação entendemos que pode nos

proporcionar “insights interessantes sobre como ler e intervir nessa realidade hipercomplexa” (Maknamara, 2025, p. 20).

Ao cartografarmos o território de *Heartbreak High* e as vidas que o povoam com suas tantas nuances, vemos que esse modelo de escola não está distante dos modelos que atuam fora da ficção - como podemos ver nas pesquisas de Silva (2019), Pocahy (2016) e Carvalho (2019) - que são atravessados por múltiplas micropolíticas que intencionam libertar, que abrem espaço para uma docência pautada em normas e silenciamentos, mas que também abrem portas para tantas outras docências e discências que produzem linhas de fuga e ampliam as possibilidades de construção de sujeitos diversos.

A escola como campo de (re)invenção e pluralidade

A análise de *Heartbreak High* evidenciou a potência dos artefatos culturais como textos pedagógicos, capazes de tensionar os currículos oficiais e as micropolíticas que atravessam o cotidiano escolar. O mapa do sexo, ponto de partida da narrativa, mostra como as juventudes se engajam em práticas de resistência que evidenciam desejos, afetos e sexualidades invisibilizadas, configurando linhas de fuga frente à normatividade hegemônica. As trajetórias de Amerie, Darren, Malakai, Quinni e Dusty demonstram que as subjetividades são um processo instável, performativo, atravessado por disputas e possibilidades de (re)invenção.

No campo da docência, o contraste entre Voss, Woodsy e Jojo Obah permitiu evidenciar diferentes agenciamentos pedagógicos, desde o disciplinamento exaustivo e normativo à abertura para o acolhimento e para o afeto. Isso nos ensina que a escola não é apenas lugar de reprodução de normas, mas também território de embates micropolíticos que podem produzir novas formas de ensinar e de existir.

Constatamos que as micropolíticas do desejo, tal como formuladas por Guattari e Rolnik (1996), atravessam tanto os processos de subjetivação juvenil quanto às práticas docentes, podendo alimentar microfascismos ou, ao contrário, favorecer processos de singularização e resistência. Nesse sentido, a narrativa seriada analisada nos ensina a pensar a escola como espaço de multiplicidades, onde as identidades se constroem em movimento e a educação pode se afirmar como prática estética, política e ética.

A perspectiva pós-crítica adotada neste estudo analítico, mostrou-se fundamental para problematizar a educação não como um campo neutro, mas atravessado por disputas simbólicas e materiais que envolvem gênero, sexualidade e relações de poder. Ao trazer para o centro da análise uma narrativa seriada midiática, reforçamos a ideia de que currículos não se restringem ao espaço escolar, mas se estendem para outros territórios culturais, capazes de ensinar e produzir subjetividade.

Como limites, reconhecemos que a análise se deteve a uma única obra audiovisual, mas sua profundidade permite lançar pistas para pesquisas futuras que articulem outros textos culturais às práticas educativas, ampliando o diálogo entre educação, cultura e subjetividade. Como possibilidade, indicamos a relevância de investir em estudos que explorem as micropolíticas escolares em diálogo com narrativas dissidentes, favorecendo a construção de uma escola mais plural, sensível e aberta à diferença.

Referencias bibliográficas

- Braidotti, R. (2002). Diferença, diversidade e subjetividade nômade. *Labrys: Estudos Feministas*, 1–2, 1–16. https://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Diferenca_Diversidade_e_Subjetividade_Nomade.pdf
- Butler, J. (2008). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (2.^a ed.). Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2019). *Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”* (7.^a ed.). n-1 edições.
- Carvalho, J. M. (2019). Macro/micropolítica, cotidiano escolar e constituição de um corpo coletivo em devir. *ETD – Educação Temática Digital*, 21(1), 47–62. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8650819>
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241–282. <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/>

- Deleuze, G., & Guattari, F. (1977). *Anti-Oedipus: Capitalism and schizophrenia*. Viking Press.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 3). Editora 34.
- Faria, A. P. R. (2012). *Entre a macropolítica e a micropolítica: A formação continuada do professor do curso de Administração* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo]. Repositório Institucional da UFES. <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/4d6f37ee-6a35-4e29-a3bb-d6d6efc8483b/content>
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Vozes.
- Foucault, M. (2001). *Os anormais: Curso no Collège de France (1974–1975)*. Martins Fontes.
- Foucault, M. (2006). *A hermenêutica do sujeito: Curso no Collège de France (1981–1982)*. Martins Fontes.
- Foucault, M. (2025). *História da sexualidade 1: A vontade de saber* (19.^a ed.). Paz e Terra.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: Cartografias do desejo* (4.^a ed.). Vozes.
- Guilherme, A. A., & Picoli, B. A. (2018). Escola sem Partido: Elementos totalitários em uma democracia moderna: Uma reflexão a partir de Arendt. *Revista Brasileira de Educação*, 23, 1–23. <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/cVXvMDSmnVHHFs3SF6kTsyB/>
- Gurgel, E. (2025). Manifesto por um currículo-corajoso na educação das infâncias. *Revista Literatura em Debate*, 20(35), 43–62. <https://revistas.fw.uri.br/literaturaemdebate/article/view/4986/3914>
- Gurgel, E., & Maknamara, M. (2022). Antologia de um currículo: Notas esquizoanalíticas para cartografar narrativas seriadas. *Educação e Pesquisa*, 48, 1–19. <https://www.scielo.br/j/ep/a/4BspQKhqBQYXcgqcY3QBJGP/>
- Junqueira, R. D. (2018). A invenção da “ideologia de gênero”: A emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Psicologia Política*, 18(43), 449–502. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v18n43/v18n43a04.pdf>
- Louro, G. L. (2001). Teoria queer: Uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 541–553. <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkT9BXvLXvTvHMr/>
- Maknamara, M. (2025). Entrevista Marlécio Maknamara. *Revista Diversidade e Educação*, 13(número especial), 11–19. <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/19496/11804>
- Oliveira, T. R. M., & Paraíso, M. A. (2012). Mapas, dança, desenhos: A cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-Posições*, 23(3), 159–178. <https://www.scielo.br/j/pp/a/6YjGVFn6qZpqdGcPVtWFbWn/>
- Paraíso, M. A. (2010). Diferença no currículo. *Cadernos de Pesquisa*, 40(140), 587–604. <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/v40n140/v40n140a14.pdf>
- Paraíso, M. A. (2015). Um currículo entre formas e forças. *Educação*, 38(1), 49–58. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/18443/12752>
- Paraíso, M. A. (2025). *Currículos: Teorias e políticas*. Contexto.
- Pellizzaro, N. (2015). A amizade na perspectiva de M. Foucault. *Argumentos*, 7(14), 113–126. https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24160/1/2015_art_npellizzaro.pdf
- Pocahy, F. (2016). (Micro)políticas queer: Dissidências em pesquisa. *Textura*, 18(38), 8–25. <http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/txra/article/viewFile/2200/1936>

Scherer, L. A., & Grisci, C. L. L. (2022). Cartografia como método de pesquisa para estudos de trabalho e subjetividade. *Revista de Administração Contemporânea*, 26(número especial 1).
<https://www.scielo.br/j/rac/a/QQT7x3GYszjB6GSxtd8nJvL/>

Silva, D. da C. P. (2019). Micropolíticas de resistência queer na performance narrativa de uma professora da educação básica. *Revista Humanidades e Inovação*, 6(10), 89–105.

Silva, T. T. da. (2024). *Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo* (3.^a ed.). Autêntica.

Fecha de recepción: 25-9-2025

Fecha de aceptación: 27-4-2026